

18 SET 1985

Ext

“New money”: argumento contra

por George Vidor
do Rio

A diminuição dos créditos de curto prazo dos bancos estrangeiros para o Brasil — por falta de operações de comércio exterior a serem financiadas — reforça dentro e fora do governo a posição dos que estão hoje contra a contratação de dinheiro novo (“new money”) junto ao sistema financeiro internacional.

Os bancos querem emprestar (e já o fizeram voluntariamente no primeiro semestre, aplicando mais US\$ 500 milhões do que o estabelecido

no acordo com o Brasil), mas não existem negócios que necessitem desses recursos.

O Brasil não tem hoje demanda por dólares, porque o saldo comercial (exportações menos importações) é suficiente para cobrir os compromissos do País no exterior — especialmente o pagamento de juros — e o principal da dívida externa vem sendo automaticamente rolado.

Como não há pressão por importações, e as exportações estão sendo feitas com base nos créditos já existentes ou na base do “countertra-

de”, o dinheiro novo teria de vir por indução do governo junto aos tomadores, como a que foi feita anos atrás junto a empresas estatais ou ao setor privado (que não tinha crédito disponível em cruzeiros). Quem pôde, como a Petrobrás, reduziu o nível de endividamento, seja externo ou interno, mesmo porque nenhuma empresa é capaz de sobreviver tendo de suportar despesas financeiras anuais tão elevadas, como as que hoje colocam o sistema Siderbrás em situação de quase insolvência.